

## **REFLEXÕES REALIZADAS A PARTIR DAS DISCUSSÕES DO GRUPO DE ESTUDOS CONVIVÊNCIA ÉTICA NA ESCOLA.**

Os temas moral, ética, valores, princípios, virtudes, formação da personalidade, desenvolvimento moral, etc. fazem parte da lista de meus interesses desde que compreendi o verdadeiro significado da palavra educador. Penso ser uma grande responsabilidade assumir este papel como professor e ser humano preocupado com a formação de uma comunidade, da qual faço parte. Sempre foi de meu interesse buscar o autoconhecimento e o auto-aprimoramento, com o intuito de crescimento pessoal e profissional.

Fiquei bastante interessada quando recebi a proposta de participar de um grupo de estudos sobre Convivência Ética na Escola. Percebi que seria uma grande oportunidade de ouvir profissionais competentes falarem sobre o assunto, e fazer uma reflexão sobre o meu dia-a-dia na escola. Sou professora do grupo 5 de um Centro Municipal de Educação Infantil e digo que esta foi uma grande oportunidade de mudanças e reflexões.

Os encontros tinham um impacto muito forte no meu pensar e mexeu muito com aquelas verdades preestabelecidas e que, muitas vezes, só precisamos de que alguém nos questione ou nos amplie o horizonte de percepção, para nos darmos conta de que algo precisa ser pensado melhor ou mudado. Que aquilo que nos parecia uma verdade inabalável, na “verdade” foi algo que se cristalizou em nosso ser sem que nos déssemos conta disso.

No primeiro encontro falamos sobre Ética e Moral fazendo reflexões sobre regras sociais, capacidade de discernir entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, sobre desejo de ser e de fazer, sobre a distância que existe entre falar e o fazer, sobre a necessidade de afetividade, sobre princípios, etc. Várias colocações foram feitas nos pequenos grupos e depois socializadas no grupão.

Durante a semana seguinte, após este encontro, várias reflexões ficaram rondando meus pensamentos: como é bom e importante dialogar com outros colegas e nos permitir sair da nossa zona de conforto. A sensação é a de que levei uma sacudida, fazendo remexer tudo que já estava bem acomodado. Essa sensação gerou uma aflição e uma sede de buscar novos caminhos para aprimorar e melhorar minha prática pedagógica e principalmente, me melhorar como ser humano. Funcionou como uma injeção de ânimo. Fiquei pensando sobre os combinados que fizemos no início do ano... Será que as crianças compreenderam a importância deles? Ou será que ficou o combinado pelo combinado? Nesta mesma semana tivemos uma reunião com os pais para compartilharmos o andamento do trabalho e abordarmos algumas questões comportamentais que eram gritantes no grupo (Que é bem difícil e disperso). O que ficou claro foi que o CMEI é considerado pela maioria como um local onde

deixam as crianças para poderem trabalhar, como se fosse um depósito de crianças. Se vai ter aprendizagem significativa, não é muito relevante, o que eles querem é que seus filhos sejam cuidados enquanto eles trabalham. A verdadeira importância do CMEI ficou pra trás. Às vezes, nas entrelinhas, ficou parecendo, que os pais vêem o professor como “inimigo” e não como aliado na formação de seus filhos. Como podemos exigir a compreensão do real valor da escola na vida de seus filhos se eles ainda não compreenderam isso? E, meus alunos... São seus filhos! Como irão valorizar a escola se não são estimulados a isso? É um desafio e tanto!

Sempre acreditei que o papel do professor está além das questões cognitivas. Penso que aquilo que temos de melhor, precisamos plantar em nossas crianças. Encaro minha profissão como uma missão e um compromisso com todos os seres que passam por minha vida. Saber o significado de respeito, justiça, generosidade, honestidade, etc. e colocar em prática tudo isso é desafiador, mexe com nossos valores e princípios. A viagem para dentro é imprescindível e não podemos nos esquivar desta responsabilidade.

Em alguns momentos pensei se não estava me expondo em demasia, se as minhas inquietações não estariam sendo enfadonhas; se não estaria demonstrando fraqueza! Mas como não compartilhar, como não pedir ajuda sobre minhas inquietações, como não compartilhar minhas angústias? Então resolvi que iria falar sem me preocupar com julgamentos. Era a minha chance de resolver alguns conflitos. Talvez algumas falas me ajudassem em minhas buscas, e de fato isso aconteceu.

Quando algumas pessoas falaram, não me senti só em minhas angústias, fortaleceu em mim a certeza de que é preciso caminhar e que crescer exige coragem e determinação. É como ouvi em um poema que não me lembro o autor: “Crescer é ser só, é não seguir a manada, é pular sem saber a altura da queda ou a textura do chão...”

Em alguns momentos percebi que muitos de meus valores estão fortemente presentes em meu jeito de ser e de agir e, que em minha formação alguns princípios foram marcantes, como por exemplo: família como apoio incondicional, união fraterna; como a importância de não se meter no que não nos diz respeito, de deixar que o outro seja o que quiser, de se preocupar com minhas atitudes e reações, etc. São princípios incontestáveis, presentes na minha formação familiar. Questionei-me também, em alguns momentos onde fui desafiada a tomar determinadas atitudes, onde o certo e o errado estavam em cheque, sobre minha conduta na resolução da questão e cheguei a conclusão de que ou tenho um pouco de “loucura”, ou tendo a agir com o coração e assumir as consequências de minhas atitudes. Quando fui questionada se em uma determinada situação onde uma pessoa próxima ou não precisasse de uma medicação para não morrer e esta tinha um preço a ser

pago e no momento só se tinha a metade da quantia, se eu roubaria a medicação ou não, fui enfática em dizer que roubaria sim e depois assumiria as conseqüências de minha ação. No momento tramei até as estratégias que iria utilizar para realizar meu intento! (RSRSRS) Depois, quando socializamos nossas decisões, refleti sobre a possibilidade de ter em mim um lado de maldade. Sei lá! Não sei explicar. Mas me senti confortável em saber que salvaria alguém, apesar da certeza de que roubar não faz parte dos meus princípios.

Falamos também sobre auto-regulação onde alguns questionamentos nos foram feitos: “Aquilo que faço ou respondo com “certo” é fruto de uma auto-regulação? Eu ajo assim porque a sociedade vai me ver com bons olhos? Ou sou egocêntrica e só me preocupo com os resultados para a minha pessoa? Ou sou capaz de assumir as conseqüências, as penalidade e dizer o que realmente sinto ou faria em determinada situação?”. Pensar sobre tudo isso me fez perceber que a maturidade e o conhecimento de si mesmo nos levam a tomarmos as rédeas de nossa vida e agirmos com autonomia. Fortalece-nos e nos livra de nos tornarmos joguetes em uma sociedade cheia de hipocrisia e dissimulação. Saber discernir entre a modéstia verdadeira e a falsa modéstia também exige olhos para ver e sentimentos para explicar e compreender cada ser humano que cruzar nossa caminhada. Em muitos momentos desta discussão meu sentimento foi de conforto por perceber que estou tentando trilhar por um caminho de respeito, justiça e virtudes capazes de me levarem a uma viagem incrível pela descoberta de minhas potencialidades, podendo ampliar meu olhar sobre as inúmeras possibilidades de cada aluno que meu caminho cruzar.

Foram muito válidos esses encontros e meu desejo é de continuidade por ter a certeza plena de que quando estamos juntos somos mais fortes.

(Autorizo, se for do interesse da Escola Experimental, a utilização do meu texto com o grupo Sidarta e no último encontro em 3 de dezembro na escola.)

Luciana Mendes da Silva

Salvador, outubro de 2018